

Passarinhos *eleições presidenciais* da sucessão

Há algo nos céus do Planalto além dos aviões de carreira. São os passarinhos de Fernando Henrique num vôo livre em que só um deverá concluir o percurso, primeira etapa de um longo caminho que leva às eleições presidenciais de 2002. Esta é a imagem usada pelo líder do PSDB no Senado, Sérgio Machado, para descrever a primeira iniciativa de FH em relação à sua sucessão: deixar os pré-candidatos alçar vôo.

"Ele solta os passarinhos e dá um tempo para eles voarem. Seis meses depois, recolhe um. Dá mais algum tempo, e recolhe mais um. Mais tarde recolhe o terceiro, depois mais outro, até que sobra apenas um", explica Sérgio Machado. Pelos movimentos aparentes, o primeiro passarinho já teria sido recolhido: o ministro da Educação, Paulo Renato Souza, que diz ter optado pela disputa de uma cadeira ao Senado por São Paulo.

O recuo de Paulo Renato, porém, de acordo com tucanos bem informados, teria sido uma jogada estratégica, num momento político em que sair de cena pode significar passo seguro para se manter na corrida. Essa mesma cautela explica a veemência com que o ministro da Saúde, José Serra, foge de discussões sobre a sucessão, sustentando que sua única preocupação é ter bom desempenho na pasta da Saúde.

Serra bate na mesma tecla de outros presidenciais: a eleição está muito longe e não faz sentido discutir o assunto agora, quando FH ainda nem cumpriu um terço do mandato. A realidade, entretanto, é diferente. A sucessão já ganhou os principais gabinetes da Esplanada dos Ministérios e do Congresso, e é assunto dominante nas conversações políticas em Brasília. De alguma forma, as grandes decisões governamentais tomadas nesta fase, assim com as ações políticas, estão desenhando o quadro sucessório.

Tanto é assim que, na análise de um político do círculo íntimo de FH, o candidato do presidente será um integrante do Ministério, porque se fosse alguém de fora deveria ter se viabilizado antes, quando a situação do governo era incerta e a recuperação da economia apenas uma esperança. Por esse raciocínio, os passarinhos soltos por FH no espaço sucessório são, além de José Serra e Paulo Renato, os ministros Pedro Malan e Pimenta da Veiga.

O ministro das Comunicações voa por fora, mas tem suas chances por ser de Minas Gerais, estado que terá grande peso nas eleições de 2002 por causa de Itamar Franco. Sendo candidato ou não, o governador arrastará grande parte do eleitorado do estado para sua posição. Esta posição peculiar de Minas, obviamente, irá repercutir na definição das chapas que concorrerão à sucessão de Fernando Henrique. Não foi por outro motivo que FH reforçou a presença de Minas em seu Ministério ao escolher o deputado Carlos Melles (PFL) para ministro do Esporte e Turismo.

Para Fernando Henrique, ainda não é hora de falar de sucessão em público. Essa atitude busca evitar que o tema venha perturbar seu governo e saia do rigoroso controle com que ele vem mantendo a questão. "O presidente será o eleitor de 2002", afirma o senador Sérgio Machado, repetindo a convicção dos líderes do PSDB de que a recuperação da economia vai se acentuar, deixando FH em condição de fazer seu sucessor.

Apesar das cautelas com que trata a sucessão, Fernando Henrique não resiste em fazer piada sobre o assunto, como demonstrou numa roda com auxiliares, no Palácio do Planalto, na semana passada, quando um ministro brincou que ele tinha dois candidatos – o candidato do coração, José Serra, e o candidato da razão, Pedro Malan. "Então vou rachar minha cabeça e ter um enfarte", emendou FH, provocando gargalhadas.

Itamar, nova fase

"Se a esquerda e a centro-esquerda tiverem juízo, fazem o sucessor (de Fernando Henrique)", diz o governador de Minas, Itamar Franco, num momento de descontração e tranquilidade no Palácio da Liberdade. Aliás, esse é o ambiente dominante nos dias de hoje na sede do governo mineiro, que começa a exibir resultados positivos, mostrando que as turbulências dos primeiros meses já fazem parte do passado.

Itamar garante que não concorrerá a qualquer eleição, após encerrar o mandato como governador, mas fará tudo que puder para derrotar o candidato de FH em 2002. "Vou fazer todo o esforço possível para impedir que ele faça seu sucessor", afirma ele, insistindo que isso só será possível se a esquerda e a centro-esquerda marcharem juntas nas eleições. "Vou trabalhar duro para que isto aconteça", promete.

Em busca dessa aliança, Itamar Franco se reúne com o presidente de honra do PT, Lula, na sexta-feira, em São Paulo. O governador tem feito sua parte para conquistar o PT. Aumentou de um para três o número de secretários do partido no seu governo e intensificou contatos com a cúpula petista, especialmente com o deputado José Dirceu, presidente do PT, a quem faz rasgados elogios. "Se a aliança que fizemos com o PT em Minas deu certo, ela pode ser repetida em nível nacional", imagina Itamar.

Após amargar queda de popularidade junto ao eleitorado mineiro, no ano passado, Itamar vem obtendo índices significativos de aprovação pela opinião pública mineira. Essa recuperação nas pesquisas coincide com a melhoria dos indicadores do seu governo e da economia mineira. Os dados mais expressivos são o aumento de quase R\$ 100 milhões por mês na arrecadação tributária – o que fez desaparecer o déficit público mensal –, e o crescimento de 13,4% na produção industrial do estado no primeiro trimestre deste ano, o melhor do país.

Estas estatísticas revelam aspecto relevante que precisa ser melhor avaliado nas análises sobre o pleito de 2002: se melhora a posição de FH em relação às próximas eleições presidenciais, a retomada da economia também reforça um de seus principais adversários, Itamar Franco.